

Suplemento Cultural

Judas

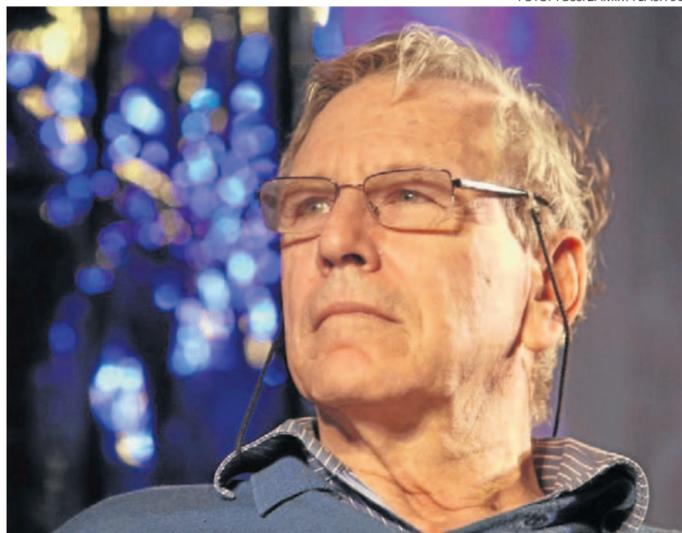
Trinta siclos de prata foi o preço vil embolsado por Judas pela traição

RAQUEL NAVEIRA

A traição vem quando não esperamos, através de quem nunca desconfiamos. Judas é o nome ligado à traição em forma de beijo. Foi assim que Judas identificou Jesus aos soldados que vieram prendê-lo: com um beijo. Judas, o devoto mais querido. A sensação de Jesus terá sido a de surpresa como diante de um fogo que cai do céu e consome tudo de repente? De um furacão no deserto que arrasta a casa até os fundamentos? De um raio, eclipse, trovão, redemoinho? Por certo naquele instante do golpe as estrelas da madrugada ficaram escuras. A missão de Jesus pareceu-lhe um barco de junco no mar salgado. Mas Jesus apenas disse: “- Amigo, a que vieste? Com um beijo me entregas?”

Esse gesto foi magistralmente descrito por Amós Oz, o escritor nascido em Jerusalém, o intelectual israelense mais renomado de nossos dias. Que romance intenso e necessário é o seu “Judas”. O livro conta a história do estudante Shumuel Asch. Em 1959, o mundo do personagem desmoronou: a namorada o deixou, seus pais faliram e ele foi obrigado a abandonar os estudos na universidade e interromper sua pesquisa - um tratado sobre Jesus sob a ótica dos judeus. Shumuel é absorvido pelo segredo que envolve a amaldiçoada figura de Judas Iscariotes, a personificação da traição. Romance cheio de lirismo, numa paisagem de inverno, onde o protagonista vive um amor doloroso e impossível. Amós Oz se questiona sobre aqueles que foram estigmatizados como traidores, como o próprio Judas. Há inteligência e paixão em seu olhar sobre a tragédia palestina, sobre a esterilidade do ódio que se alastra no desespero do povo árabe.

Shumuel anota em seu caderno pensamentos polêmicos como estes: “Judas Iscariotes é o fundador da religião cristã.” “Judas é, pois, o inventor, o organizador, o diretor e o produtor da cena da crucifica-



AMÓS OZ - escritor israelense - é agraciado pelo livro “Judas” com o Prêmio Internacional de Literatura 2015, Casa das Culturas do Mundo, Berlim

ção.” “Judas, cujos olhos horrorizados viam o sentido e o objetivo de sua vida se esfacelar, Judas, que compreendeu que com suas próprias mãos tinha causado a morte do homem que amava e admirava, foi embora de lá e se enforcou. Assim morreu o primeiro cristão. O último cristão. O único cristão.”

É uma visão acertada a de Amós Oz sobre o remorso de Judas. Não houve arrependimento. Trinta siclos de prata foi o preço vil embolsado por Judas pela traição, naquele campo de sangue.

Como o mais belo, o mais culto, o mais chegado ao nosso seio se rebelou? Discorda? Não ouve os conselhos? Segue outro caminho? Inventa guerras contra nós? Assim, perplexo, deve ter se sentido Júlio César, o imperador romano, conquistador das terras da Gália, amante da rainha egípcia Cleópatra, quando foi vítima de uma conspiração de senadores para tirá-lo do cargo e viu que, entre eles, estava seu filho adotivo,

Brutus. No templo da deusa Vênus, na hora da morte, atingido por punhaladas, reconhecendo o filho no meio dos algozes, preferiu a frase: “- Até tu, Brutus, filho meu?”

Há um outro homem que encarnou o papel de Judas em nossa história: o rico fazendeiro, o contratado Joaquim Silvério dos Reis, o delator dos inconfidentes mineiros. Dizem que devia altos impostos à Coroa Portuguesa e queria assim se ver livre das contas. Delação premiada com recompensa em ouro, cargo público de tesoureiro, mansão, pensão de aposentadoria, título de fidalgo, fardão de gala e hábito da Ordem de Cristo. Viveu desde então cercado de inimigos, de dúvidas, de suspeitas, de aflição, de medo e desconfiança, pois nada se ganha com o mal da traição.

Cecília Meireles, a poetisa carioca que colocou em versos esse episódio em seu “Romanceiro da Inconfidência”, compara Joaquim Silvério a Judas dizendo:

“

A traição vem quando não esperamos, através de quem nunca desconfiamos. Há muitos judas nos traindo nos relacionamentos afetivos, nos círculos de amizade e na política”

“Melhor negócio que Judas fazes tu, Joaquim Silvério.” Explica então que Judas traiu Jesus Cristo, enquanto Joaquim Silvério traiu um simples alferes. Judas traiu por trinta dinheiros. Silvério pediu muitas outras coisas: honras, glórias, privilégios. Silvério fez melhor negócio que Judas. Judas teve remorso. Silvério não. Judas se enforcou na fogueira. Silvério envelheceu orgulhoso, cheio de mistérios. E conclui afirmando que nenhum destino se perde: nem o dos sonhos dos homens, nem a surda força dos vermes. Os traidores são vermes.

A traição vem quando não esperamos, através de quem nunca desconfiamos. Há muitos judas nos traindo nos relacionamentos afetivos, nos círculos de amizade e na política. Por vezes, com setas cravadas no espírito, fracos em meio à opressão e à angústia, perguntamo-nos com tristeza: - Por que eles se tornaram nossos adversários? Justamente eles, os que mais amávamos?

POESIA

VÊNUS COPIADA

Ao meu Haroldo

Amor meu
Barroco do meu ser
Ancoradouro dos meus delírios
Como tens me querido...

E eu? Que faço por tí?
Apenas uma rarefeita luz
Que ora brilha ora pisca
Ora apaga ora relampeja...

Uma só coisa tenho copiado
Como a tão próxima quão distante
Vênus,
Que aponta o rumo constante
Ao vigilante pegureiro.
Também eu tenho inquieta pretendido
Ser tua fiel companheira,
Contigo compartilhando
A alva da manhã e o negror do anoitecer.

E, ao despertares,
Sempre sempre aí estarei
E ao entardeceres
Maior lume te mostrarei
Nesta peregrinação, Amor,
Seja ela qual for.

LÉLIA RITA DE FIGUEIREDO

NOTÍVAGO

Noite. Há silêncio e treva. Em tudo há espanto
Porque a cidade neste instante dorme.
O vulto do temor, amplo e disforme,
Se estende nas calçadas como um manto.

E, para meu tormento, em cada canto
Pia soturnamente um pranto enorme.
O medo cresce e diminui, conforme
Eu me impacienta. Hei te esperado tanto...

Mas tu não vens. Nunca virás. Sozinho
Prossiguei, magoado e sem carinho,
Preso à ilusão das coisas que insinuas,

Por entre as sombras cruéis da madrugada,
Levando dentro da alma desolada
Toda a tristeza das desertas ruas.

ALTEVIR ALENCAR

DR. ELOY PEREIRA – O PRESIDENTE QUE PROFISSIONALIZOU O E. C. COMERCIAL

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO –
presidente da ASL

Sebastião Eloy Pereira, o nosso querido e conhecidíssimo ELOY PEREIRA, um dos mais brilhantes oftalmologistas de Mato Grosso do Sul, nasceu em Taubaté, uma das prósperas cidades do rico Estado de São Paulo, no dia 20 de janeiro de 1930.

Ainda criancinha, a sua família mudou-se para Campinas, a cidade mais importante do interior paulista, onde cresceu e aprendeu as primeiras letras no Colégio Estadual Orozino Maia. O curso ginásial e o segundo grau fez no famoso Colégio Cesário Mota. Transferiu-se para São Paulo, com a finalidade de preparar-se para a faculdade de medicina, cursando, ao longo de 10 meses, o Curso de Medicina, hoje chamado de Objetivo Brigadeiro, em Taubaté. Entretanto foi na cidade do Rio de Janeiro que estudou, de 1956 a 1961, na Faculdade de Medicina, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Enquanto cursava medicina conheceu e apaixonou-se perdidamente pela belíssima Vera Machado, mato-grossense, de Campo Grande, filha do renomado escritor Paulo Coelho Machado, com quem casou em janeiro de 1962, advindo dessa perene união os filhos Paulo Augusto (advogado), Leonardo (médico) e Isabela (professora).

De 1962 a 1965 fez residência médica de Oftalmologia, no Hospital Pedro Ernesto, na Vila Isabel, no Rio de Janeiro, e, de 1966 a 1967, cursou e diplomou-se em especialização de pálpebras e órbitas, na Universidade de Glasgow, na Escócia. Em novembro de 1967, convidado, veio para Campo Grande, onde, com

brilhantismo, exerceu o cargo de professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na cadeira de oftalmologia, por 14 anos ininterruptos. Ainda no ano de 1967, entusiasmado, o Dr. Eloy Pereira inaugurou seu consultório médico na Galeria São José, depois transferiu o consultório para a rua D. Aquino, e, em 1998, fundou o Hospital de Olhos, juntamente com outros quatro oftalmologistas campo-grandenses, instituição que recebe os aplausos do povo, dirigida pelo competente Dr. Eloy Pereira, considerada por todos como a que dispõe de maior estrutura no tocante às técnicas instrumentais e profissionais no Estado de Mato Grosso do Sul, funcionando num moderno prédio, na Avenida Afonso Pena, nº 3338.

Ao longo de sua fértil trajetória, na cidade de Campo Grande, em face de seu brilho como médico exemplar, ocupou cargos relevantes na administração pública, na prática esportiva, e até no poder legislativo. Em 1970, na administração do prefeito Antônio Mendes Canale, exerceu a função de secretário municipal de saúde. No ano de 1974 foi eleito vereador de Campo Grande. Levi Dias elegeu-se prefeito. Nesta gestão Eloy Pereira destacou-se como um dos vereadores mais atuantes e, em decorrência disto, credenciou-se, em 1977, para concorrer às eleições municipais como candidato a prefeito de Campo Grande, pelo partido da ARENA I quando, na oportunidade, enfrentou o engenheiro Marcelo Miranda, candidato pela ARENA II. Marcelo Miranda, que venceu as eleições.

Ainda no ano de 1977 integrou a Liga Sul-Mato-Grossense para a Divisão de Mato Grosso, sendo um dos mais arro-

jados defensores da divisão do Estado, estando presente na assinatura do decreto que criou o Estado de Mato Grosso do Sul, assinado pelo presidente Ernesto Geisel. Em 1982, convidado, ocupou a presidência do PREVISUL, permanecendo até junho de 1984. No ano de 1988 filiou-se no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), ocupando o cargo de vice-presidente e, no ano seguinte, foi eleito presidente do partido. Em 2001 passou o cargo ao deputado Nelson Trad.

Paralelo às atividades médicas e políticas o nosso Eloy Pereira cultivava uma paixão avassaladora pelo futebol. Torcedor fanático do E. C. Comercial, Eloy Pereira presidiu o Vermelhinho da Vila Olímpica no biênio 72-73, substituindo o memorável presidente Ercy Barcellos. Na sua gestão Eloy introduziu o futebol profissional no Estado de Mato Grosso do Sul, profissionalizando o E.C. Comercial, o primeiro time a adquirir esse Status no Estado. Meses depois o Operário F. C. faria o mesmo.

Eloy Pereira não esconde que as duas maiores alegrias vividas como presidente foram a conquista do título de campeão de 1973 e, nesse ano, ganhar a vaga para disputar o Campeonato Brasileiro de Futebol, vencendo o Operário F. C., seu maior rival, na “nega”, de uma melhor de três. Eloy Pereira também se orgulha de ter sido árbitro de futebol, em 1972, apitando jogos amadores, principalmente do PLEC e ADU (Associação Desportiva Universitária). O orgulho se multiplica porque Eloy foi o árbitro a usar, pela primeira vez, em Campo Grande, o cartão amarelo e vermelho. Uma inovação futebolística na época.

Hoje Eloy Pereira é Conselheiro Vitalício do E. C. Comercial.

A falta que ela nos faz

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Saía de uma reunião com uma amiga conversando sobre a organização da cidade quando, de repente, um carro cortou a nossa frente em alta velocidade, cruzou o sinal vermelho e desapareceu. O único comentário foi um sonoro “Nooossa!”. Daí, continuamos a falar da urbanidade que significa cortesia, delicadeza, polidez. Resumindo, respeitar o direito do outro de compartilhar o espaço comum, a cidade.

Estávamos também falando de boa educação, que independe de classe social, sexo, religião ou lugar. Foram muitos os exemplos e se eu pedisse agora para você, leitor (a), que fizesse o mesmo, tenho certeza de que passaríamos horas conversando sobre educação e a falta que ela nos faz. Mas sempre há algo que irrita mais, não é mesmo? Anos e anos de sala de aula, por exemplo, me fizeram ter horror a gente mascando chiclete e grudando o dito embaixo da carteira! Outro dia, lendo um romance de Ian MacEwan, encontrei uma descrição perfeita: “Que coisa mais repulsiva, o contato íntimo com algo saído da boca de um estranho, a vulgaridade infinita de gente que mastigava um chiclete e o deixava cair dos lábios aonde quer que estivesse!” Perfeito!

Triste entre tristíssimas, como diria Drummond, é o silêncio a que nos reduzi-

mos diante daqueles que falam alto. Diante da falta de tato, de gentileza, respondemos com o silêncio. Há pessoas que não têm noção de que a presença do outro exige atitudes muito diferentes daquelas a que estão acostumadas na sua solidão. Como diz Cecília Meireles, no poema “Sugestões”, seja “como um camelo que mastiga sua longa solidão”. Em silêncio, isento, fiel. “Não como o resto dos homens.”

Agora, não me chamar pelo nome é o pior que pode acontecer. Pior de que me chamar de tia. Vá lá. Venho de uma família de mulheres que foram “filhas de Maria” quando jovens e que, em homenagem à santa mãe, chamaram Maria às suas filhas. Juntando os meus lados materno e paterno, somos muitas. Chamou Maria, todo mundo olha ou se levanta. Temos, assim, a delicadeza de chamar Maria Alice, Maria Júlia, Maria Cândida etc. Mas no dia a dia, as pessoas nos chamam apenas de Maria. E já com uma conotação de “vamos simplificar”, o que me parece pouco caso. “Maria” somos todas, mas cada uma é diferente da outra. Maria, já disse Milton Nascimento, “é um dom, uma certa magia, uma força de nos alertar”!

Então, meu bem, acorda! Saiba ver e ouvir a diferença! Afinal, pra ser Maria é preciso ter raça, gana e graça, senão não se é. Para ser gente, é muito melhor agir como o ar sussurrante de silêncios dessas noites quentes e exercitar, desinteressadamente, a alegria de ser delicado, de ser educado. Simples assim.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADÊMICO RUBENIO MARCELO CONDECORADO COM ‘MEDALHA SENADOR RAMEZ TEBET’ - Por proposta da AGEPEM (aprovada pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública/MS e acatada pelo Governador do Estado de Mato Grosso do Sul), o acadêmico/escritor e advogado Rubenio Marcelo será condecorado com a relevante

‘Medalha Senador Ramez Tebet’, comenda esta destinada a galardoar autoridades que prestaram relevantes ações em prol da Instituição.

A solenidade oficial de entrega, que contemplará também outras personalidades, acontecerá na manhã da próxima segunda-feira (21/09), no auditório do CREA-MS (Rua Sebastião Taveira 272 - Bairro Monte Castelo - Campo Grande).